

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 14 Abril 2010**

Texto de referência:

L. Giussani, É possível viver assim?, Vol. 3. Tenacitas, pp. 35 a 40

- Canto “Quando uno ha il cuore buono”
- Canto “Give Me Jesus”

Começo por ler uma das perguntas que me enviaram: “No capítulo “perfeitos como o vosso pai” e “A moral é imitar Deus na caridade” a minha reacção imediata foi a de experimentar em mim uma espécie de impotência e de estratosférica desproporção entre mim e aquilo que Giussani descreve como experiência que nasce do dom comovido de si e da oferta da própria vida. Em particular, impressionou-me a descrição das atitudes novas da mudança de mentalidade que nascem desta diversidade de vida do último capítulo sobre a caridade. Parece-me humanamente impossível viver deste modo, e contudo estou certo de que, se for menos do que isto, a vida no tempo torna-se insustentável; de onde nos pode vir a força para nos pormos em jogo e relançarmos na realidade como descreve Giussani?”. A força para uma pessoa se por em jogo é ele próprio que a descreve, porque ele parte – como dissemos na última vez – desta impressão de desproporção total; de facto, a página 338 diz assim: «É curioso o evangelho quando diz: “Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai”. Perfeito como o nosso Pai:: mas quem é capaz disso? Como recomendação é pouco sensata, como recomendação produz o inverso: o medo. Porém há o passo paralelo de São Lucas que explica o que quer dizer: “Sede misericordiosos como é misericordioso o vosso Pai que está nos céus”

A perfeição é esta comoção em acto para com a necessidade do homem». E depois descreve como o ser se comunica a nós: “A fonte do ser em Ti está”, como cada fibra do nosso ser depende, tem a sua fonte n’Ele e como isto se vê de um modo solar quando se fala de uma criança em relação à mãe; dizíamos da outra vez: o homem deriva de Deus infinitamente mais do que uma criança nasce das vísceras de sua mãe, tanto assim que se a criança fosse auto-consciente diria: “Tu és tudo para mim”. Uma pessoa que fosse realmente consciente dar-se-ia conta que esta dependência é infinitamente maior em qualquer um de nós, mas isto vê-se ainda melhor quando o Mistério se move por esta caridade cheia de comoção e faz vibrar todo o nosso ser. Por isso, é verdade que é impossível, a questão é se nós percebemos que a caridade pode ser “apenas” reflexo da gratuidade da Sua graça. Cita Péguy: “Como a liberdade deles é reflexo da minha liberdade, / assim agrada-me encontrar neles como que uma certa gratuidade / Que seja como o reflexo da gratuidade da minha graça [a graça é qualquer movimento com que Deus cria, porque o movimento de Deus é criador]. Que seja como que criada à imagem e semelhança da gratuidade da minha graça”. Por isso, nós devemos ter muito cuidado, porque é aqui onde nós introduzimos outro método: é impossível, se não for a comunicação do mistério que nos torna de tal modo Seus ao ponto de nos fazer depois reflectir no nosso ser aquilo que recebemos d’Ele. É isto que devemos testemunhar uns aos outros, e é por isso que li isto ao início da Escola de Comunidade; esperemos que as experiências que iremos ouvir esta noite ajudem a reconhecer isto, porque é verdade que se for menos do que isto, a vida no tempo torna-se insustentável; Giussani descreve-o de maneira solar quando diz que “se não se actuar no amor, como amor, o eu fica insatisfeito, irritado consigo mesmo, hostil aos outros, incapaz de beber e assimilar a beleza da realidade, aborrecido”, a alternativa a isto é uma vida irritada. Por isso interessa-nos perceber bem o passo.

Sou casado e tenho dois filhos. Durante quarenta anos tudo aquilo que havia antes - Igreja, Mistério, fé, etc. - não tinha nada a ver com a vida, até que há quatro anos, com a morte de um grande amigo, aconteceu o encontro e entrou em mim a beleza. Herdei deste meu amigo o Banco de Solidariedade, os apelidados “pacotes”, e assim, a pouco e pouco, tudo começou a

mudar. Depois há dois anos, depois de ter participado na assembleia dos Bancos, pela primeira vez senti-me verdadeiramente cheio e, como dizia a canção há pouco, com um coração bom podemos fazer tudo. Que posso dizer? Queria contar, falar de mim, daquilo que me está a acontecer desde quando me foi dada – como posso dizer? – uma nova vida. Dás-te conta que vives cada dia por alguma coisa que é querido, surpreende-me o espanto com que enfrento tudo isto: coisas novas e bonitas e coisas negativas, que antes era quase impossível aceitar.

“Antes teria sido quase impossível”.

É claro que eu continuo a ser o mesmo de sempre, com os meus defeitos, os meus hábitos e é esta a questão, o facto: sou o mesmo de antes, mas com um coração diferente, com um coração cheio. Queria contar alguns episódios que vivi. O primeiro: alguns meses atrás, alguns amigos que tinham ido ao Meeting trouxeram-me um presente, um barrete com a inscrição: “Deus existe mas não és tu, tem calma”. Devo dizer que gostei imenso e que o visto mesmo no serviço no estaleiro. Um dia, quando estava lá sossegado, um colega não italiano disse-me: “Mas porque é que trazes esse chapelinho com essa frase?”, no momento fiquei embatucado, mas depois respondi calmamente: “Vê, trago este chapelinho porque encontrei algo de extraordinário e porque não desde há muito tempo me sinto um cristão a sério”.

Continuei a falar de mim e de como este encontro me mudou, do modo com que estou com os amigos, colegas, de como estou com a família. No dia seguinte vem ter comigo um outro operário que no dia anterior estava ao pé de nós e tinha ouvido toda a conversa, e perguntou-me se eu podia fazer o favor de lhe contar o que tinha contado ao seu amigo em relação à família a ao modo com que eu estava diante das pessoas, tendo encontrado esta realidade. Vieram-me arrepios e naquele momento fiquei realmente embatucado, parecia quase incrível dar comigo a contar, a falar da beleza da caridade de Cristo a dois estrangeiros e muçulmanos, que ficavam impressionados pela forma como eu falava da minha experiência, pelo facto de que eu vestia aquele chapelinho sem problemas. Bolas, que grande que é o Mistério! E que verdadeira que é aquela Presença que não faz distinções e te põe á frente de pessoas pelo facto do comovido, pelo facto de que te comoves perante tudo isto. Vem-me à cabeça dizer: tenho tudo, não me falta nada, tenho amigos, companhia, sou feliz em viver esta realidade. Mas o humano nunca acaba de trabalhar e te coloca sempre em discussão; dou comigo às vezes diante de situações um pouco duras, se calhar, pelo facto de que a minha mulher não partilha toda a minha maneira de pensar, o meu encontro. Mas como? Dou comigo a falar de caridade e de beleza com pessoas que nem sequer conheço e as pessoas que me estão mais próximas, com quem vivo a minha vida, não percebem? Não nego que às vezes me sinto mal e que isto me ajuda a perceber que as circunstâncias que vivemos não somos nós que as criamos, são-nos dadas. Há dias um amigo perguntou-me porque é que eu não tinha participado na assembleia da Fraternidade regional; respondi-lhe que naquele domingo a minha mulher tinha “sacado” uma folga e organizámos um pequeno passeio; o meu amigo olhou para mim dizendo-me que não lhe parecia boa ideia ter perdido aquela assembleia, mas não pelo facto de que primeiro está a assembleia e depois a mulher, mas procurando explicar-me que há certas ocasiões em que é preciso fazer o sacrifício de não ir a outras coisas. Penso que, embora respeitando o meu amigo, que isto não esteja muito certo, porque o Mistério dá-nos e coloca todos os dias à nossa frente aquilo que devemos viver, de tal modo que se surge uma ocasião é porque Ela a dá. Portanto, o que quero dizer é que Cristo está presente todos os dias, agora, aqui, e não daqui a um mês, não quando nós dizemos que vai estar. Eu encontrei esta maravilhosa realidade não para ser do movimento ou fazer o movimento, não sei se isto tem que ver com a caridade, mas de uma coisa estou certo, que tudo isto enche a tua vida, torna-te verdadeiro, faz-te sentir amado em qualquer circunstância.

Obrigado. Uma resposta mais adequada do que esta é difícil de encontrar, porque está aqui toda à nossa frente.

Queria contar algumas das experiências vividas neste último mês e que me ajudaram a perceber o que é a comoção. Duas coisas em especial: a primeira, só se eu experimento esta comoção na primeira pessoa posso mudar a maneira como olho o outro, libertar-me do preconceito e dar-me conta que também o outro se pode comover. A segunda coisa é que, ainda que consciente da minha nulidade, do meu nada, eu também posso ser para o outro alguma coisa importante e tornar-me uma pessoa excepcional. O mês passado acompanhei uma classe minha a uma visita de estudo a Nápoles, proposta por mim e por uma colega, mais movidas por uma preocupação educativa do que didáctica. Conscientes das problemáticas e do nada vivido quotidianamente pelos nossos rapazes, queríamos poder oferecer a esta classe, além da visita aos museus e monumentos, mais qualquer coisa, um encontro com uma realidade feita de pessoas excepcionais como os amigos do Rione Sanità, que tínhamos conhecido no meeting de Rimini e que através das suas canções e da sua exposição tinham movido o nosso coração e por isso esperávamos que também lhes acontecesse a eles. Premissa desta viagem era o facto que alguns dos nossos colegas, sabendo da nossa pertença ao movimento, nos tinham acusado de querer utilizar esta saída para doutrinar os nossos miúdos. Tenho de confessar que eu fui para Nápoles cheia de temores e de medos que pudesse acontecer alguma coisa no nosso comportamento que, ao voltarmos, pudesse ser contado e pudesse dar aso a incentivar estes preconceitos negativos, portanto a minha única preocupação era de que tudo estivesse perfeitamente organizado e que não houvesse nenhum desequilíbrio ideológico. Assim partimos e chegámos à noite, tudo a postos. No segundo dia, porém, aconteceu um facto imprevisto: fomos visitar a Igreja de Jesus acompanhados por uma amiga do Rione Sanità; estávamos na ala reservada a S. José Moscati, completamente cheia de ex-votos por graças recebidas e aproxima-se um sacerdote velhinho que, interrompendo a explicação da nossa amiga, se pôs a contar a sua experiência nas favelas no Brasil e depois a vida de José Moscati, e depois diz-nos com sotaque próprio do dialecto napolitano que todos os dias tantas pessoas lhe pedem não uma, mas várias Ave Maria e por isso vendo-nos ali sentados, pede-nos para recitarmos juntos uma oração e assim fizemos. Olhei para as caras espantadas dos meus alunos que recitavam a Ave Maria e sobressaltou-se-me o coração, comovi-me e pus-me a chorar diante do modo tão imprevisível com que o Senhor se estava a manifestar. Imediatamente me lembrei de um colega que ironicamente me tinha dito que iríamos pô-los a recitar orações, se de facto tivéssemos programado tudo não teria saído tão bem. Naquele momento percebi que é Outro que faz e não eu que faço. O que tinha acontecido libertou-me imediatamente de todos os temores e medos; ou melhor, carregou-me tanto as baterias que me permitiu dali em diante olhar cada aluno meu com um olhar diferente. Por exemplo, nessa noite um dos miúdos queria mesmo ir ver o jogo da Champions League, caiu uma carga de água tremenda, mas com o chapéu de chuva, completamente ensopados, fomos procurar um lugar onde se pudesse ir ver o jogo. No dia seguinte os nossos amigos levaram-nos a ver o Rione Sanità e um amigo arquitecto, antes de explicar alguns dos monumentos da zona, contou-nos brevemente o motivo pelo qual, depois de ter encontrado aquela que agora é sua mulher, decidiram ir viver exactamente naquele bairro renunciando a uma boa carreira; uma aluna minha desatou a chorar e outra disse: «Mas deve mesmo ter muita estima por este Deus, deve mesmo querer-lhe bem para fazer esta escolha». Nessa noite participámos no concerto de Alfredo Minucci que com as suas músicas cheias de profunda poesia nos contou como, através do encontro com alguns amigos, a sua vida mudou e aquela rapariga que tinha chorado à tarde, comoveu-se de novo; a sua amiga esteve imóvel o tempo todo a ouvir as canções de Alfredo. Estava connosco uma pessoa que, ao ver estes rapazes a chorar, me disse: «Mas que frágeis estes miúdos que choram assim por ouvir uma canção». Então eu reflecti sobre esta frase e disse para comigo: mas a fragilidade é quando as coisas não correm como tu as tinhas organizado e por isso choras, porque é como se tu tivesses perdido a esperança, mas a comoção é uma outra coisa. Acho que a minha aluna se comoveu porque ouviu alguém que lhe disse uma coisa tão verdadeira que não pode não te fazer vibrar o

coração, uma coisa que te corresponde tão perfeitamente e que tu não esperavas, que te espanta e comove, cheio de alegria. Quando voltámos a casa, fizemos todos escrever um comentário sobre este passeio e esta miúda escreveu: «Impressionou-me o arquitecto e a mulher que escolheram viver juntos na zona com pior fama de Nápoles para ajudar essas pessoas e também as belas melodias de Alfredo que contribuíram para um dia fantástico». Naturalmente entre tantos comentários escritos, os miúdos disseram que descobriram alguns aspectos novos dos professores e como é boa a pizza de Nápoles. Deu-me conta que, até através de mim e do meu nada, eu me posso tornar para alguém uma pessoa excepcional, a ponto de a pizza comida juntos ser melhor.

Obrigado. Começou a olhar de outra maneira e, a certa altura, por aquilo que estava a acontecer aos seus alunos, pela comunicação do Ser que estava a acontecer, começou a participar deste olhar e isto comunicou-se também aos miúdos e comunica-se só através do sim, acolher em nós esta graça.

Procuramos ser concisos, senão não conseguimos.

Também eu estive em Nápoles com esta classe e na onda desta excepcionalidade vivida e comovida, pensei: «Vou ao tríduo dos liceus, depois de tantos anos em que não fui»; entretanto fiquei doente e por isso fiquei, digamos assim, desprovida do gesto excepcional. Nem sequer consegui ir à Via Sacra da tarde, pelo que, aparentemente, não era a ocasião excepcional que esperava, e que me voltaria a comover, e isto impressionou-me muito porque estando só comigo mesma pensei: «Senhor, ainda me parece uma coisa estranha que Tu tenhas morrido por mim, é uma coisa que me desagrada, não percebo o que tem a ver comigo». Então fui a uma simples Via Sacra às 3 da tarde, porque me queria identificar e a certa altura o padre disse: «Seja como for, Cristo viveu o abandono do Pai, por causa da distância dos nossos pecado». Naquele momento fiquei comovidíssima, impressionadíssima, porque percebi: «Mas se Tu não tivesses morrido, eu agora não podia ter esta paz, esta letícia, este olhar, esta ternura, esta comoção», e veio-me uma gratidão, foi como se tivesse assente os pés na terra, como se dissesse: eu porque é que me preocupo? Veio-me à cabeça olhar o espectáculo daquilo que Ele faz em mim e também à minha volta, porque, de alguma forma até este alvorecer de comunidade que está a nascer na escola é obra d'Ele. E qual é o método? Que Ele, comovendo-me a mim, me faz mover e os outros dão-se conta que eu me mexo não por força, não pela organização (tanto assim que o ano passado não acontecia nada). Eu percebo que Cristo é o primeiro objecto da caridade, neste sentido, pelo qual estou muito grata que tu estejas a insistir assim tanto para percebermos esta passagem.

Porque é que percebeste alguma coisa durante a Via Sacra?

Porque estava consciente da minha necessidade. Eu, pela primeira vez na minha vida, pensei: «Incomoda-me que Tu sejas estranho a este ponto», e portanto não sofri aquilo que ouvia dizer como uma coisa estranha, mas estava completamente atenta a perceber como o Senhor me responderia.

Esta é uma parte da coisa, é só através da necessidade que Ele pode entrar e depois é uma graça.

É o Outro que é contemporâneo.

Isto é aquilo que queria dizer para responder a uma outra carta, que diz: «"A nova lei não é um mandamento mais radical, mais complicado de cumprir, é a graça do Espírito Santo; a nova lei não é um outro mandamento mais difícil que os outros, a nova lei é um dom, a nova lei é a presença do Espírito Santo" o Espírito é a modalidade com que Cristo entra até à medula da nossa vida, tornando-nos verdadeiramente Seus. Depois de tu teres falado da misericórdia de Deus que se fez carne para chorar connosco, comer connosco, isto parece um passo atrás em termos de concretez, parece voltar ao Antigo Testamento, em que Deus se manifesta em Espírito aos profetas, em vez de se manifestar carnalmente com a sua cara humana e divina simultaneamente. Parece-me que a caridade ligada à presença do Espírito perde aquela

dimensão carnal, que é aquela de que tenho necessidade. Agradecia-te se me ajudasses a perceber melhor e peço desculpa». Antes de mais não se perde nada daquela dimensão carnal, pelo contrário, comunica-se através de alguém – aquilo que ela tinha sentido como estranho durante anos, finalmente tornou-se carnal, finalmente é dela. E isto chama-se Espírito Santo.

De facto, comoveu-me imenso que na página 32 diz: «A fonte desta comoção, em Cristo como em mim, é o Espírito de Cristo. A fonte da compaixão e da comoção é o Espírito de Cristo.» Tu antes da Páscoa disseste-nos: «Peçam o Espírito Santo» e por isso impelido por este teu convite percebia que o único modo de tê-Lo mais carnal, para conhecê-Lo mais carnalmente, era invocá-Lo.

Talvez nos interesse perceber que não somos nós a torná-Lo nosso, mas é uma coisa que devemos implorar.

Há dez dias que tenho entre mãos o artigo que escreveste pela Páscoa que se chamava: «Feridos, voltamos para Cristo». Impressiona-me porque tantos, diante da provocação escandalosa desta circunstância, sentimos de alguma maneira a tentação de adequarmo-nos ao escandalizar-se de todos (ainda que, naturalmente, percebêssemos de imediato o que tudo isto tinha de instrumentalização). A primeira coisa que me impressionou ao lê-lo é que partiste desta palavra “susto” e todo o início deste texto entra dentro profundamente – “susto” e “justiça” são as palavras que continuas a dizer, além do mais ecoando exactamente o Papa.

A ti por que é que te impressionou isto?

Adiciono um outro aspecto que me impressionou porque assim consigo, depois, dizer-te o que é que procurei perceber eu; tu não fizeste uma cena no artigo do ataque à Igreja; impressionou-me, em vez disso, que tu tenhas partido de uma ideia dramática da vida. Eu percebi-o assim: não é um drama se gritas justiça, não é um drama se te escandalizas, nem tão pouco é um drama se te zangas pelo evidente ataque à Igreja que está dentro desta situação, é drama se estás diante/ se te pões diante da questão: «Quem dará resposta a esta dor, a esta pergunta sem fim?», isto é, à impossibilidade de uma pessoa responder por si a esta pergunta. A mim parece-me que querias dizer: apenas dali pode nascer a mendicância de Cristo, que Ele preenche o abismo diante do qual estamos, o abismo do mal, do pecado, mas também o abismo deste juízo desproporcionado sobre a Igreja. Agora, quero perceber como é que chegaste aqui, tendo em conta que em todo o lado se faz todo um outro discurso. Quero dizer: enquanto o mundo, e também eu instintivamente, está entre o escândalo e a defesa (porque os dois pólos são, até agora, estes), impressionou-me que tenhas ousado unir os autores às vítimas face à incomensurabilidade desta ferida que é dada e recebida, mas é sempre este voltar a Cristo, que é só Ele que preenche o abismo. Então, eu quero perceber de onde nasce este juízo, porque eu continuo a relê-lo e digo para mim: eu percebo que tem qualquer coisa a ver com a palavra comoção, com o dom comovido de si.

É uma pergunta que dirijo a todos: de onde nasce o movimento (la mossa) para olhar assim a realidade?

Eu digo o que é que provocou em mim este artigo, porque foi um facto que me escancarou o horizonte e me deu uma grande lufada de ar fresco. Antes de o ler eu tinha assumido e emitido juízos mais ou menos semelhantes àqueles que se lêem nos jornais.

E isto o que é que nos diz? Que, tal como explicarei, espero bem, nos Exercícios, não temos um rosto diferente, tocamos todos na banda do costume; é inútil que nos escandalizemos, somos como todos, ou um álibi ou o outro, nada de novo debaixo do sol. Isto introduz-nos à verdadeira questão que nos devemos colocar, e digo isto para nos começarmos a preparar para os Exercícios: Porque se, no fim de contas, não somos diferentes...

Eu estava sobretudo aborrecida pela dor que o Papa estava a viver, sentia este violento ataque à Igreja e achava que nestes tempos maldosos a defesa da fé começava a exigir cada vez

mais o preço de um grande sacrifício. Porém, apesar destes sentimentos, sem o confessar a mim mesmo, não estava minimamente satisfeita com a forma com que me estava a colocar diante da situação, tinha a sensação de que faltava alguma coisa, mas não percebia o quê, e sobretudo dava-me por contente e não saía daqui. Depois percebi o quanto era estranho a mim mesma ouvir o coração; quando puseste a tónica sobre a natureza da nossa exigência de justiça que é infinita, então é que percebi a razão do meu mal-estar: em todas as minhas tentativas não me tinha dado conta de que a resposta só pudesse vir fora de mim. O dar-me conta de ter deixado fora de mim mesma, e conseqüentemente a hipótese da resposta, foi um juízo que restabeleceu a dignidade a toda a gente. Porque não temo que aconteçam certas coisas ou que venham aí tempos difíceis, mas temo que a fé não esteja em condições de estar diante de todo, e este medo começa a ganhar fundamento no momento em que dentro de tudo eu não faço a verificação da mesma. Assim posso dizer que vivi realmente a Páscoa. Através daquilo que tu e o Papa me disseram eu pude ter diante dos olhos uma humanidade nova e olhar para ela. O teu juízo foi um facto, viste aquilo que nós não éramos capazes de ver, foi a erupção de uma novidade que me encheu de alegria e de espanto. Agora aquilo que me fascina é a possibilidade de aprender cada vez mais o novo juízo através do método que tu nos indicas, nos repetes e nos fazes ver. Exemplo disso foi também o trabalho das eleições: o gesto de ter distribuído o manifesto no mercado ou aos negociantes que costumo visitar introduziu um juízo novo, uma descoberta do real; o ter captado o humano dos outros foi o dar-me conta do meu, igualzinho ao deles, mas abraçado

Portanto, começamos a vislumbrar que esta nossa impossibilidade de estarmos diante do real tem que ver com a nossa fé, que não é simplesmente o facto de que pensamos como todos, mas que tem que ver com a nossa fé e, por isso, interessa-me voltar a isto, porque nos faz verificar se há ou não a possibilidade de alguma novidade, daquilo que hoje a Escola de comunidade chama de mentalidade nova, ou seja, se é realmente possível ou não. Porque, se não for possível, o que é que estamos aqui a fazer? É uma pergunta radical que vai ao cerne da questão. Começamos a preparar-nos para os Exercícios tendo isto presente, porque então damos-nos conta de qual é o desafio que a nossa fé representa diante dos nossos olhos, e o que é que a fé nos dá para enfrentar esta situação.

A mim provoca-me muito aquilo que dizias agora porque partindo da outra vez eu tinha ficado muito impressionado com a frase que repetiste quatro vezes: “Vivemos debaixo da pressão de uma comoção”, porque descrevia dois aspectos; por um lado, tanta gente à qual estou profundamente ligado em todo este período continua a procurar-me com uma pergunta cada vez mais verdadeira, cada vez mais profunda à qual é preciso responder, e portanto com uma grande expectativa. Um exemplo disto: estou a ficar amigo de um rapaz que tem problemas muito graves neste momento e que não consegue levantar-se de manhã, tem uma desconfiança total das coisas, não fez uma experiência de esperança sobre si e ontem achei por bem ir ajudá-lo porque tenho por ele uma grande estima; dei comigo diante de um homem que tinha um pedido tão grande, tão verdadeiro, inclusivamente maior do que o meu, que só estar diante dele me encostou a um canto o tempo todo. Por outro lado, apetecia-me imenso ir à montanha, neste período de trabalho intenso, apetecia-me mesmo fazer a última esquiadela da temporada. Então, terminada a Fraternidade, fomos com alguns amigos. Como é gente que gosta mesmo de mim, tudo foi bonito; discricção, argumentos levantados, beleza do ambiente, missa no fim. Chego a casa e estava tão contente que fui visitar o meu pai que não está bem de saúde e encontrei a cena do costume: a doença, a sua depressão absoluta, a sua obstinação em não sorrir-me nem sequer um momento. Então tive este impacto que já tinha tido durante a semana: senti a necessidade de apanhar Cristo de todos os lados. Quando agora falavas da fé, impressionava-me: eu não posso renunciar ao desejo de que o meu pai enfrente esta dificuldade com menos tristeza. Mesmo que creia em Jesus, não é que me baste,

tenho que lidar com esta tristeza, a uma dada altura como é que eu sou capaz de responder a esta tristeza? E como é que aquela beleza que eu trouxe da montanha me levava lá dentro? Que posso eu fazer? A minha necessidade é que eu devo apanhar Cristo em todo o lado para poder estar diante desta situação e que aquilo que temos à nossa frente é muito maior do que podemos imaginar; por um lado, existe a humanidade com o seu desejo infinito, e por outro, o Único que responde.

Onde o apanha? Onde vai buscar Cristo? Porque esta é a questão, senão é como se a fé não incidisse sobre a realidade e diante das coisas somos como toda a gente, é esta a questão, amigos.

Começo por contar um facto. No outro dia regresssei ao hospital depois de recuperar o sono; estava à minha espera no corredor uma paciente e, ao ver-me, veio a correr dizer-me: “Voltaste finalmente”; esta coisa impressionou-me (enfim, alguém que estava à tua espera...) e até me encheu de peneiras; o certo é que, dois dias depois faço o turno da noite, e acontece que ela toca à campainha; vai lá a minha colega e ela diz: “Não, chama-me ela!”. Entro no quarto e ela (tinha-me chamado inclusivamente por um motivo banal, queria abrir uma garrafa de água), a uma dada altura, olhar para mim e diz-me: “Mas existe o Paraíso?”, daí começou um diálogo com ela. Impressionou-me isto porque naquela noite vivi um sobressalto com esta mulher e este sobressalto mudou o sentimento que tinha de mim, fez-me retomar consciência.

Que sobressalto é esse?

Este sobressalto é a experiência da correspondência, ou seja, é Cristo.

Ou seja? Que sobressalto é esse? Quero perceber isso bem: porque tu sentes este sobressalto com certas pessoas assim e não com outras?

De facto a minha pergunta nascia um pouco à roda disto, porque se eu penso em mim, acho que sou uma pessoa muito infiel e dou-me conta de que esta fidelidade está pendurada neste sobressalto, depende deste sobressalto, tanto assim, que, por exemplo, as preferências que tenho não as escolhi eu, mas aconteceram-me, mas estão ligadas, têm a natureza deste sobressalto pelo que, relendo este capítulo, perguntava-me: face à minha fidelidade, e portanto em relação às minhas relações de preferência, às pessoas que uma pessoa encontra, o que há de meu nessas coisas? Meu só há a espera deste sobressalto? Até porque me dou conta que quando para mim não está vivo este sobressalto fico farto da coisa e desisto dela, por isso, eu quero perceber...

Este sobressalto não é outra coisa senão a comunicação do Ser, do Ser que te faz ser mais, do Ser que te faz ser mais ti mesma, como diz *don* Giussani; aquela vibração inefável e total diante das coisas e pessoas; esta é a comunicação do Se, que não é uma abstracção, que não é um sentimento, que não é um estado de ânimo: é simplesmente um pouco mais de intensidade humana que se comunica! Então uma pessoa percebe a grande passagem da página 37: “O homem existe para afirmar um Outro que se chama Deus. Esta é a verdade que comove o coração, comove e faz agir [é o sobressalto de que ela falava]. O amor verdadeiro, ou seja, o actuar-se verdadeiro da lei do homem, que é a finalidade do viver, é afirmar o Ser, é afirmar o Outro, á “afirmar-te, ó Deus”.

Analogamente, uma pessoa dedicar-se a um irmão, a um outro homem, existir para um outro, agir por um outro, comover-se por um outro, é amor verdadeiro enquanto deseja que o outro conheça a verdade e viva a verdade do seu ser de modo realizado”. E uma vez percebido este sobressalto – uma vez que o diálogo é um diálogo a dois -, se um outro não quiser estar a este nível, deixa de me interessar, deixa de me prender, e então deixo de ser capaz de aguentar, a menos que o Ser se comunique constantemente e mim e me possa levar a amar. Mas nós podemos amar assim porque o Ser nos volta a comunicar isto, esta intensidade. Nós podemos amar os outros só debaixo do sobressalto desta comoção, debaixo da pressão desta comoção. Por isso, é possível, não porque seja nosso, mas porque esta comoção é reflexo daquilo que o Mistério nos comunica. A verdadeira atitude é estarmos disponíveis para receber este dom

através da modalidade com que Ele no-la dá, porque, como nos ensinou sempre *don* Giussani, a primeira actividade é uma passividade, é acolher, é deixar-se tocar, deixar-se arrastar pelo Ser, aceitar aquele mais de ser; é isto que nos torna reflexo d'Ele.

Preparamo-nos para os Exercícios pedindo isto: que cada um de nós, neste gesto que iremos fazer daqui a dez dias, possa participar mais no Ser, para nós e para o mundo. O desejo que temos de viver este gesto é posto às claras, desde já, pelo nosso "eu" em acção, pelo modo como o nosso "eu" se move, mesmo em relação ao sacrifício que é pedido de estarmos atentos às indicações, é um gesto de dimensões tão grandes que não pode existir senão com o contributo do sacrifício de cada um, e este sacrifício é a modalidade do nosso pedido a Cristo, que tenha piedade do nosso nada, a modalidade com que nós pedimos para não cair no nada, que nos seja dada aquela participação no Ser que torna a vida verdadeiramente digna de ser vivida; por isso, estarmos atentos ao silêncio, à pontualidade, aos avisos, são ocasiões para esta oração, para este pedido, para que as circunstâncias possam ser "amigas" do próprio coração.

Como resposta àquilo que está a acontecer em relação ao Papa, dou a indicação de dois gestos importantes. A Conferência Episcopal Italiana dirigiu um convite a toda a comunidade eclesial a juntar-se em nome do Papa Bento XVI no quinto aniversário da sua eleição papal no próximo dia 19 de Abril. Peço-vos que adiram às iniciativas que as dioceses vão propor (Santa Missa, liturgia da palavra, oração do Terço, adoração eucarística, vigílias de oração, etc.). Cada um deverá informar-se na própria diocese; lá onde não houvesse nada organizado, será necessário assumirmos nós o papel de promotores. Para a Diocese de Milão o cardinal propõe para segunda-feira, dia 19 de Abril uma jornada de oração pelo Papa, convidado as pessoas a participar na Santa Missa que as paróquias irão dedicar a esta intenção: portanto, informem-se na própria paróquia e participem convidando outras pessoas. É um gesto simples, mas significativo neste momento.

O segundo gesto a que estamos todos convidados a participar é este: a Consulta nacional das agregações laicais (um organismo que agrega várias associações e movimentos eclesiais em Itália) convida todos a participar no Domingo, 16 de Maio, em Roma na Praça de São Pedro, na recitação do *Regina Coeli*. É um gesto simples de presença com que queremos dizer e testemunhar a nossa adesão, o nosso apoio ao Papa. Muito em breve daremos indicações sobre as modalidades operativas de participação de de convite para este gesto, ao qual somos chamados a dar a máxima prioridade e adesão.

Para finalizar, rezemos juntos pelo Papa Bento XVI, até porque depois de amanhã é o dia do seu aniversário.

- *Ave Maria*

(Tradução não revista pelos intervenientes)